



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da França, Nicolas Sarkozy Saint George de l'Oyapock, Guiana Francesa, 12 de fevereiro de 2008**

Quero cumprimentar o presidente Sarkozy e cumprimentar toda a delegação francesa que o acompanha.

Seria importante, para que marcássemos a história com uma foto, que o governador do Amapá viesse ficar aqui ao meu lado e que o governador da Guiana Francesa viesse ficar ao lado do presidente Sarkozy. Essa foto tem uma razão de ser. Obviamente que os dois governadores ouviram bem o que disse o presidente Sarkozy, os nossos ministros dos Transportes estão aqui, o meu companheiro Alfredo Nascimento está aqui, e nós não queremos que a ponte comece em 2009, nós queremos que a ponte comece em 2008. Afinal de contas, o preço da ponte é de 38 milhões de euros, e se juntar o PIB da França e o PIB do Brasil, isso representa muito pouco para que demorem tanto em fazer uma ponte. Depois, essa foto é para que os dois governadores cobrem dos dois presidentes, porque já foram feitas outras fotos aqui, já foram feitos discursos e a ponte continua sem existir. O presidente Sarkozy me prometeu que, se depender dele – isso para responsabilizar o lado brasileiro – ele vai voltar para inaugurar essa ponte antes de eu terminar o meu mandato em 2010.

A segunda coisa que eu considero extremamente importante é que esta é a primeira visita do presidente Sarkozy à sua maior fronteira fora da Europa – é maior até do que a fronteira maior que ele tem na Europa – e é um privilégio da França fazer fronteira com uma região que é olhada hoje, pelo mundo, como um dos pilares de salvação do Planeta, que é a Amazônia. Isso da à França, eu diria, um certo status de ser o único país europeu a falar da Amazônia,



porque pertence à Amazônia. Isso não é pouca coisa, é muita coisa. Por isso, nós discutimos, e vamos criar uma comissão de alto nível do lado francês e do lado brasileiro, com data de reunião e com data de conclusão dos seus trabalhos, para que possamos, na vinda do presidente Sarkozy em dezembro de 2008, como presidente da União Européia, assinar não apenas um acordo estratégico abstrato, mas um acordo estratégico que tenha imbuído, no acordo, o que de estratégico estaremos assinando e nos comprometendo a fazer.

Uma das coisas que me encanta e certamente encanta o lado francês e o presidente Sarkozy, é a idéia de começarmos a discutir juntos a questão da biodiversidade. E aí poderemos envolver todos os países que têm fronteira e que têm participação na Amazônia, para que a gente possa envolver o mundo científico a pesquisar, de forma muito mais ousada e forte, o que a Amazônia pode oferecer com os recursos para ajudar a humanidade. Nós não somos daqueles que defendem a Amazônia como um santuário da humanidade. Do lado brasileiro, moram quase 25 milhões de habitantes que querem trabalhar, que querem comer, que querem ter carro, que querem ter acesso aos bens materiais que a própria humanidade produz. O desafio que está colocado para nós é como compatibilizar uma política de desenvolvimento em toda a Amazônia, levando em conta a preservação ambiental. Mais importante: como aproveitar, para o bem da humanidade, a extraordinária biodiversidade da Amazônia, ainda muito desconhecida dos homens.

Bem, além disso, eu penso que foi importante o presidente Sarkozy aceitar o convite que eu fiz para que ele viesse ao Brasil outra vez, em setembro de 2009, para participar da Semana da Pátria no Brasil. Eu disse ao presidente Sarkozy que nós temos agora uma divergência de fundo, que não é de fácil solução, que é a supremacia da França na Copa do Mundo de 1998 e na Copa do Mundo de 2006, e vamos tentar reverter a situação.

Com relação a Ingrid Betancourt, eu disse ao presidente Sarkozy que o



Brasil está disposto a participar de qualquer esforço para que, num ato humanitário, a gente consiga libertar todos os seqüestrados. Obviamente que nós temos que levar em conta a sensibilidade política das pessoas e tudo que pudermos fazer tem que ter a concordância do governo da Colômbia, senão tudo fica mais difícil. Portanto, presidente Sarkozy, seja bem-vindo à sua primeira viagem à Amazônia francesa, a mil metros da Amazônia brasileira. Ainda não foi mordido por nenhum mosquito da malária e certamente não será, numa demonstração de que isto aqui não é tão inóspito quanto alguns dizem.

**Jornalista:** Eu queria fazer uma pergunta sobre a ponte que vai ligar o Brasil à Guiana Francesa. Os produtos brasileiros que têm que ir para a Guiana Francesa precisam entrar num contêiner, receber um selo da União Européia, para poder chegar do outro lado. Os brasileiros que querem entrar na Guiana Francesa precisam pagar mais de 200 reais para ter um visto. E, nesse caso, não existe reciprocidade, os franceses entram apenas com o passaporte, sem pagar nada. Então, a questão é saber se essa ponte vai mudar a realidade da região, se os mais de 50 mil brasileiros que moram clandestinos na Guiana Francesa, que são expulsos todos os dias, se eles terão tratamento diferente a partir dessa aproximação entre o Brasil, a Guiana Francesa e, por consequência, o Mercado Comum Europeu também.

**Presidente:** (Complemento à resposta dada, inicialmente, pelo presidente da França, Nicolas Sarkozy)

Apenas um dado. Nós temos um acordo que data de 1996. Se estou certo é isso, não é, Samuel? De 1996. Já faz 12 anos. Na medida em que as duas crescem, obviamente que também crescem os problemas. Segundo estimativas, nós temos aqui na Guiana Francesa por volta de 20 mil brasileiros legalizados. E há um número mágico, que não se tem prova dele, de



aproximadamente 20 a 30 mil brasileiros que entram e saem, não estando legalizados. Obviamente que nós queremos trabalhar para que todos os brasileiros que adentrem outros países, adentrem de forma legal, e todos os que entrem no Brasil, também entrem de forma legal. Ora, se tem um acordo e, ao longo do tempo, esse acordo produziu uma deficiência nas nossas relações, nada mais justo que depois deste encontro os nossos ministros de Relações Exteriores, do Brasil e da França, comecem a propor a necessidade de mudar o acordo, já que nós vamos ficar mais próximos agora, vamos estar transitando muito mais de um país para o outro, e que a gente não tenha problemas. Eu penso que quando começar essa ponte, em 2008, a sabedoria das diplomacias brasileira e francesa já terá construído um esboço de acordo que possa evitar qualquer problema no trânsito de franceses da Guiana para o Brasil e do Brasil para a Guiana.

**Jornalista:** (inaudível) o senhor falou de uma abertura, a economia brasileira está em crescimento. Será que a Guiana, que não tem o dinamismo econômico que tem o Brasil, não corre o risco de ser inundada por produtos brasileiros? Segundo: será que essa colaboração na área policial será eficaz para lutar contra a clandestinidade e contra a criminalidade?

**Presidente:** A França é defensora do livre comércio, o Brasil é defensor do livre comércio. Se o Brasil conseguir produzir produtos de qualidade e mais baratos do que os produtos produzidos na França ou na Europa, é justo que os franceses da Guiana comprem os produtos brasileiros mais baratos e de qualidade. Afinal de contas, o livre mercado permite que o povo tenha a possibilidade de escolher o melhor produto, de melhor qualidade, por um preço mais barato. Obviamente que nós conhecemos o potencial tecnológico da França. E da mesma forma que a França tem investimentos no Brasil, da



ordem de 14 bilhões de dólares, no momento em que a balança comercial entre Brasil e França hoje já representa 7 bilhões, significa que nós não podemos ter nenhum medo, nenhuma preocupação com relação ao crescimento do comércio entre a Guiana Francesa e o Brasil. Porque, também, o outro lado da moeda pode ser verdade. Poder ser que, via Guiana Francesa, a França tenha mais facilidade de vender um bom queijo, um bom vinho aos brasileiros que gostam de queijo, de vinho e de outras coisas. Nós não corremos esse risco. Não apenas na fronteira entre a Guiana Francesa e o Brasil, mas em todo o mundo, nós temos que estar preocupados com o crime organizado, com o narcotráfico, com o tráfico de armas. E aí, quanto mais juntas as nossas polícias trabalharem e quantos mais trocarmos informações entre a inteligência dos dois países, mais estaremos aptos para combater o narcotráfico, o contrabando e o crime organizado.

**Jornalista:** Houve algum avanço nas discussões a respeito de acordos na área de defesa? E, além de vender caças e submarinos ao Brasil, a França estaria também disposta a transferir tecnologia para que o Brasil pudesse desenvolver esses equipamentos?

**Presidente:** Eu penso que é importante ter uma compreensão um pouco mais ampla dessa nova fase que França e Brasil estão querendo construir. Desde que me transformei em um militante político, eu comecei a descobrir quanta gente no Brasil gostava da França. Eram grandes intelectuais brasileiros que viviam na França, eram militantes políticos de esquerda que iam para a França como exilados, e eu também ouvia dizer que os franceses gostavam do Brasil. E pude provar isso no “Ano do Brasil na França”. Eu, pelo menos, participei de um ato que eu não sabia quem era francês ou quem era brasileiro, porque todo mundo dançava samba por igual. E, ao longo do tempo, foi-se construindo uma



relação de confiança entre os dois países, com cientistas brasileiros que vão à França, com cientistas franceses que vão ao Brasil. Então, essa parceria que estamos pensando em construir e que pretendemos firmar o acordo no final deste ano, quando o presidente Sarkozy, presidindo a União Européia, vai à reunião entre União Européia e Brasil... nós queremos assumir um acordo muito mais amplo. Por exemplo, nós já concordamos que é preciso democratizar os órgãos multilaterais. Estamos de acordo que a ONU precisa ser democratizada e pensar no século XXI, e não ficar com o modelo do século XX. Nós estamos convencidos de que uma instituição como o FMI precisa começar a pensar em desenvolvimento e menos em ajuste fiscal. Portanto, estamos convencidos de que o G-8 precisa virar algo mais do que G-8. Afinal de contas, se não quisermos pensar em mais ninguém, é preciso saber que existe uma China, existe uma Índia, existe um Brasil, existe uma África do Sul, existem países em ascensão que têm incidência na economia mundial como têm os atuais países do G-8.

Todo dia eu acompanho, pelo computador, o risco-Brasil. Risco-Brasil sobe, risco dos países emergentes sobe, e a crise é americana. Por que tem que subir o risco brasileiro? Poderia subir o risco dos países que especularam e estão levando o mundo a uma crise que, eu espero, não se alongue muito mais.

Mais eu penso que Brasil e França podem dar uma contribuição extraordinária na construção de novos pensamentos sobre a questão de segurança, a questão da paz. Afinal de contas, o Brasil tem toda uma América do Sul junto consigo, temos todo um continente africano há 6 mil, 7 mil quilômetros do Brasil, e lugares que estão subindo de patamar. Daqui a mais ou menos 30 anos, a África terá 1 bilhão e 300 milhões de habitantes, e se tiver 300 milhões de consumidores, nós vamos precisar de uma relação de produção de alimentos mais forte, de transporte mais forte. Eu penso que França e Brasil têm que fazer, como dizia ontem para mim o presidente



Sarney, no avião: nós não temos que pensar no meu mandato, só faltam três anos. O presidente Sarkozy tem todo o mandato pela frente, ainda. Nós temos que pensar em duas nações, na relação para 30 anos, 40 anos, 50 anos. O que nós estamos fazendo é construir um alicerce mais sólido do que o que nós tínhamos até agora, e que os construtores que vierem depois consigam levantar uma boa arquitetura para que França e Brasil contribuam mais com o mundo no conhecimento científico e tecnológico, na questão da defesa, na questão da educação, da saúde. É isso que é uma relação estratégica maior do que apenas a de compra ou a de venda de produtos comerciais.

**Presidente:** No próximo encontro que fizermos aqui, em São Jorge, no Oiapoque, eu e o presidente Sarkozy vamos nos encontrar no meio do rio. Ele sai nadando daqui, eu saio nadando do Oiapoque, e faremos uma reunião no meio do rio. Um abraço.

(\$31FGJLMQ)